



as origens
da sociologia
do trabalho

COLEÇÃO
Mundo do Trabalho

CAPITALISMO PANDÊMICO

Ricardo Antunes

O CUIDADO: TEORIAS E PRÁTICAS

Helena Hirata

“É TUDO NOVO”, DE NOVO

Vitor Araujo Filgueiras

GÊNERO E TRABALHO NO BRASIL E NA FRANÇA

Alice Rangel de Paiva Abreu, Helena Hirata
e Maria Rosa Lombardi (orgs.)

OS LABORATÓRIOS DO TRABALHO DIGITAL

Rafael Grohmann

NOVA DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO?

Helena Hirata

PARA ALÉM DO CAPITAL E PARA ALÉM DO LEVIATÃ

István Mészáros

A PERDA DA RAZÃO SOCIAL DO TRABALHO

Maria da Graça Druck e Tânia Franco (orgs.)

SEM MAQUIAGEM: O TRABALHO DE UM MILHÃO
DE REVENDEDORAS DE COSMÉTICOS

Ludmila Costhek Abílio

A SITUAÇÃO DA CLASSE TRABALHADORA NA INGLATERRA

Friedrich Engels

O SOLO MOVEDIÇO DA GLOBALIZAÇÃO

Thiago Aguiar

SUB-HUMANOS: O CAPITALISMO
E A METAMORFOSE DA ESCRAVIDÃO

Tiago Muniz Cavalcanti

TEOREMA DA EXPROPRIAÇÃO CAPITALISTA

Klaus Dörre

UBERIZAÇÃO, TRABALHO DIGITAL E INDÚSTRIA 4.0

Ricardo Antunes (org.)

E mais 57 títulos, ver a lista completa em:
boitempoeditorial.com.br/vitrine/mundo-do-trabalho.

Ricardo Festi

as origens da sociologia do trabalho

percursos cruzados
entre Brasil e França



© Boitempo, 2023

Direção-geral Ivana Jinkings

Edição Frank de Oliveira

Coordenação de produção Livia Campos

Assistência editorial Allanis Ferreira

Preparação Trisco Comunicação

Revisão Sílvia Balderama Nara

Diagramação Antonio Kehl

Capa Maikon Nery

frente: *Industrial Number* (1901), de Edward Penfield
(Rawpixel.com)

internas: Operários na montagem de motores, 1964
(Acervo Centro de Memória de São Bernardo do Campo)

Equipe de apoio Elaine Alves, Elaine Ramos, Erica Imolene, Frederico Indiani, Higor Alves, Isabella Meucci, Ivam Oliveira, Kim Doria, Luciana Capelli, Marina Valeriano, Marissol Robles, Maurício Barbosa, Pedro Davoglio, Raí Alves, Thais Rimkus, Tulio Candiottto, Victória Lobo

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F458o

Festi, Ricardo

As origens da sociologia do trabalho : percursos cruzados entre Brasil e França / Ricardo Festi. - 1. ed. - São Paulo : Boitempo, 2023.

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5717-219-3

1. Sociologia do trabalho - Brasil. 2. Relações trabalhistas - Brasil.
3. Sociologia do trabalho - França. 4. Relações trabalhistas - França. I.
Título.

23-83231

CDD: 306.36098144
CDU: 316.74:331(81+44)



Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

É vedada a reprodução de qualquer parte deste livro sem a expressa autorização da editora.

1ª edição: maio de 2023

Esta obra contou com ajuda financeira do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UnB.

BOITEMPO

Jinkings Editores Associados Ltda.

Rua Pereira Leite, 373

05442-000 São Paulo SP

Tel.: (11) 3875-7250 / 3875-7285

editor@boitempoeditorial.com.br

boitempoeditorial.com.br | blogdaboitempo.com.br

facebook.com/boitempo | twitter.com/editoraboitempo

youtube.com/tvboitempo | instagram.com/boitempo

Para minha mãe, meu pai e minhas irmãs.

Sumário

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS.....	11
INTRODUÇÃO GERAL.....	13
Os fundamentos de uma análise ontológica	18
O gosto pelos arquivos.....	20
A exposição do livro.....	22
Agradecimentos	23
I. AS CIÊNCIAS SOCIAIS NA “ERA DE OURO” DO CAPITALISMO.....	25
INTRODUÇÃO.....	27
1. AS ILUSÕES DA MODERNIZAÇÃO.....	31
A exportação do americanismo	32
Os “Trinta Gloriosos” da França	34
A “era de ouro” do Brasil.....	42
2. UMA COMUNIDADE INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS SOCIAIS.....	51
As ciências sociais sob os auspícios da Unesco	52
As fundações filantrópicas e as ciências sociais.....	68
Intercâmbios internacionais de estudantes.....	74
A desigual expansão dos sistemas universitários.....	80
II. A SOCIOLOGIA DO TRABALHO NA FRANÇA (1950-1960).....	83
INTRODUÇÃO.....	85
3. A SOCIOLOGIA DO TRABALHO FRANCESA DO PÓS-GUERRA.....	89
Construir uma sociologia empírica e aplicada.....	89
O Projeto 164: uma investigação europeia sobre o mundo industrial.....	105
O Laboratoire de Sociologie Industrielle da Ephe.....	113
A revista <i>Sociologie du Travail</i> : auge e queda da disciplina.....	120

4. AS MUDANÇAS TÉCNICAS E ORGANIZACIONAIS E SEUS IMPACTOS	
SOBRE O TRABALHO INDUSTRIAL.....	123
Friedmann: pai da sociologia do trabalho?.....	124
5. RUMO À AUTOMAÇÃO? FASCÍNIOS E CRÍTICAS AO TAYLORISMO-	
-FORDISMO.....	149
As transformações técnicas, organizacionais e das categorias profissionais dos	
“Trinta Gloriosos”.....	150
O debate sobre automação na sociologia do trabalho francesa.....	156
6. UM DESEJO DE HISTÓRIA: A SOCIOLOGIA DO TRABALHO	
DE ALAIN TOURAINE.....	171
Uma incansável vontade de refletir e escrever.....	171
A formação sociológica de Touraine.....	175
A América Latina na encruzilhada da modernização.....	177
Os operários de origem agrícola.....	183
Uma aproximação com a Teoria da Dependência.....	186
A sociologia da ação: a busca de uma nova teoria sociológica.....	188
O florescimento da sociedade pós-industrial?.....	193
III. A SOCIOLOGIA USPIANA DO TRABALHO (1950-1960).....	195
INTRODUÇÃO.....	197
7. UMA HISTÓRIA REVISITADA: A CONSTITUIÇÃO DA SOCIOLOGIA	
USPIANA.....	201
O encontro entre Friedmann e a sociologia uspiana.....	205
Os significados da criação da USP para a sociologia brasileira.....	210
As disputas e alianças nos espaços de legitimação da sociologia.....	216
As pesquisas patrocinadas pelo CBPE e os centros regionais.....	225
8. A CONSOLIDAÇÃO DE UMA TRADIÇÃO: A SOCIOLOGIA USPIANA	
DO TRABALHO.....	247
A inserção da sociologia do trabalho na USP.....	247
As articulações e tensões na criação do Cesit.....	252
Um centro de estudos do trabalho na periferia capitalista.....	256
Dilemas do Cesit: precariedade financeira, mudanças políticas e exílio.....	263
O projeto do Laboratoire de Sociologie Industrielle para a América Latina.....	271
9. UMA ANÁLISE CRÍTICA DA SOCIOLOGIA USPIANA DO TRABALHO.....	277
O projeto de sociologia aplicada de Florestan Fernandes.....	280
Trabalho, classe e industrialização no Brasil arcaico.....	283
Azis Simão e os primeiros estudos sobre a consciência operária.....	296
O Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho.....	301
Outros caminhos possíveis?.....	316

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	321
FONTES E BIBLIOGRAFIA.....	335
1. Dicionários, obras de referência, catálogos, histórias institucionais comemorativas, anuários estatísticos e verbetes.....	335
2. Livros, artigos e teses.....	336
3. Coletâneas de entrevistas, depoimentos e homenagens, entrevistas e depoimentos individuais, biografias, memórias, discursos proferidos e palestras	346
4. Documentação institucional, relatórios de atividade ou de pesquisa e atas de congressos.....	347
5. Entrevistas realizadas pelo autor.....	348
6. Jornais consultados (período consultado: de 1949 a 1973).....	348
7. Arquivos e bibliotecas pesquisados.....	349

Lista de abreviaturas e siglas

- AEP: Agence Européenne de Productivité
Afap: Association Française pour l'Accroissement de la Productivité
BNF: Bibliothèque Nationale de France
Capes: Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CBPE: Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais
CDS: Centre de Documentation Sociale
Cebrap: Centro Brasileiro de Análise e Planejamento
Cems: Centre d'Études des Mouvements Sociaux
Cepal: Centro Econômico para a América Latina
CES: Centre d'Études Sociologiques
Cesit: Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho
CGP: Commissariat Général à la Productivité
Cics: Conselho Internacional de Ciências Sociais
Clacso: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales
Clapcs: Centro Latino-Americano de Pesquisa em Ciências Sociais
CNAM: Conservatoire Nationale des Arts et Métiers
CNI: Confederação Nacional da Indústria
CNP: Comité National de la Productivité
CNPq: Conselho Nacional de Pesquisas
CNRS: Centre National de la Recherche Scientifique
Codiplan: Comissão de Desenvolvimento Industrial e de Planejamento
CRPE-SP: Centro Regional de Pesquisas Educacionais de São Paulo

DCS: Departamento de Ciências Sociais da Unesco
Dieese: Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos
Ecosoc: Conselho Econômico e Social da ONU
Ehess: École des Hautes Études en Sciences Sociales
Eleh: École Libre des Hautes Études (Nova York)
ELSP: Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo
ENS: École Normale Supérieure
Ephe: VI^e Section de l'École Pratique des Hautes Études
Fapesp: Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo
FAU-USP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.
FEA-USP: Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas da Universidade de São Paulo
FFCL: Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP)
FGV: Fundação Getúlio Vargas
Fiesp: Federação das Indústrias do Estado de São Paulo
Flacso: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais
FMSH: Foundation Maison des Sciences de l'Homme
Ibec: Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura
Ilapes: Instituto Latinoamericano de Planificación Económica y Social
Inep: Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos
ISA: Associação Internacional de Sociologia
Iseb: Instituto Superior de Estudos Brasileiros
ISST: Institut des Sciences Sociales du Travail
LSI: Laboratoire de Sociologie Industrielle
OCDE: Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico
Oece: Organização Europeia de Cooperação Econômica
Senai: Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial
Sesi: Serviço Social da Indústria
Unesco: Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

Introdução geral

O Brasil é um grande país da sociologia, adverte um sociólogo francês na introdução de seu livro sobre a história da disciplina nas terras tropicais¹. Aqui, foram produzidas importantes interpretações sobre a realidade social, que alimentaram discussões intelectuais e políticas, tendo o país sido terreno de atuação e de investigação de célebres autores das ciências sociais, em especial os franceses e os estadunidenses, que, em suas passagens, colaboraram para a institucionalização da disciplina e para a formação de novas gerações. Vale complementar que a sociologia brasileira tem como uma de suas tradições o hábito de se autointerpretar, isto é, fazer uma espécie de análise coletiva sobre seu passado, revisitando, inúmeras vezes, os grandes embates sobre a formação da nação, em busca de compreender nosso complexo presente com um olhar para o futuro. Esse ciclo contínuo de autorreflexão sobre nós mesmos e nossas produções intelectuais, alimentado por uma estranha sensação de que nossa história se repete em farsa e tragédia, tem criado riquíssimas produções no campo da história da sociologia ou do pensamento social.

No entanto, ainda que essa obstinação por nós mesmos seja uma marca genética das ciências sociais brasileiras, nem todos os períodos, escolas e autores foram estudados, debatidos ou criticados com a mesma veemência com que o foram alguns temas canonizados. Além disso, certos grupos de intelectuais e determinados períodos históricos acabaram sendo exaustivamente interpretados e revisitados, muitas vezes sob perspectivas similares, deixando-se de explorar outros possíveis caminhos ou relações. Nesse sentido, apesar da enorme quantidade de produção e reflexão sobre a sociologia brasileira, pouco se pensou sobre a criação, o desen-

¹ Christophe Brochier, *La naissance de la sociologie au Brésil* (Rennes, Presses Universitaires de Rennes, 2016).

volvimento e os embates da sociologia do trabalho em nosso país. Uma lacuna significativa diante de nossa tradição, principalmente pelo fato de que também nos constituímos como um grande país da sociologia do trabalho.

Neste livro, resultado de minha tese de doutorado, proponho um caminho diferente para a interpretação de um dos mais importantes períodos da sociologia brasileira. Busco retornar às grandes reflexões e aos embates sobre a formação do Brasil pela perspectiva do mundo da indústria e do trabalho, compreendendo que esse foi um dos objetos centrais da nossa disciplina ao longo dos anos de 1950 e 1960. A inexistência de uma obra sobre essa temática, que a analisasse conforme sugiro, explica-se pelo grau de especialização e, conseqüentemente, de fragmentação que tomou as ciências sociais. Em geral, os sociólogos do trabalho não se preocupam com as questões que tradicionalmente estão associadas ao campo do pensamento social brasileiro. Por outro lado, os que estudam esse campo acabam por privilegiar outros temas, como, por exemplo, os estudos da questão racial ou as reflexões acerca da desintegração da sociedade tradicional, marginalizando aqueles que envolveram o mundo do trabalho, vistos como objetos secundários dos intelectuais da época. Ao propor essa paralaxe, ou seja, revisitar o mesmo objeto tantas vezes estudado – no caso, a assim chamada “escola paulista de sociologia” –, sob um ângulo diferente, acredito poder contribuir para uma nova perspectiva de interpretação desse momento histórico da sociologia brasileira, em particular da sociologia do trabalho.

No entanto, não tenho a intenção de produzir uma história dessa disciplina, pois tal tarefa seria demasiadamente pretensiosa para os limites de um livro ou de uma investigação pessoal. Busco oferecer uma contribuição sobre a consolidação de uma tradição sociológica, iniciada com os estudos e as obras a respeito do mundo da indústria e do trabalho produzidos pela geração de sociólogos da Universidade de São Paulo, no decorrer das décadas de 1950 e 1960. Ao tomá-los como objeto, fui levado a estudar os percursos cruzados entre brasileiros e franceses no decorrer dessa empreitada, descobrindo que existia, entre eles, antes mesmo de seus primeiros encontros, no final dos anos 1950, uma afinidade eletiva quanto às instigações intelectuais que contribuíram para consolidar um frutífero intercâmbio de ideias entre esses países. Ainda que os dois grupos estivessem separados por um oceano e por realidades socioeconômicas bastante distintas, suas obras expressaram a visão de mundo da modernização capitalista².

² Não será possível desenvolver e problematizar, como gostaria, o conceito de modernização. Polissêmico, amplo e polêmico, ele muitas vezes serviu para caracterizar todo e qualquer processo de desenvolvimento social e econômico, sem distinção entre seus objetivos, conteúdos e formas de relações sociais prevaletentes. Valeria arriscar definir, a título de ilustração, três tipos diferentes de processo de modernização presentes nos anos 1950 e 1960. O primeiro foi o que abordaremos ao longo deste livro, a modernização numa sociedade capitalista, ou seja, gerida pela lógica do valor e da acumulação do capital. No período especificamente estudado, essa modernização

O projeto de modernização formulado e buscado nas três décadas seguintes ao término da Segunda Guerra Mundial acabou por se tornar uma utopia que alimentou o engajamento de toda uma geração de políticos e intelectuais. Na sua forma mais abstrata e simples, modernizar a sociedade pressupunha levá-la a um estágio superior ao anterior por meio do progresso econômico e social, consolidando, se possível, a democracia liberal. Sua efetivação dependia do engajamento dos diversos sujeitos, não apenas no terreno da política, representados por seus movimentos sociais e pelos aparatos de poder, mas no cumprimento de suas funções no interior da complexa divisão do trabalho. A base de sustentação desse projeto estava, portanto, no desenvolvimento das forças produtivas, ou seja, na consolidação e na hegemonização daquilo que se entendia ser o mais eficaz modelo de produção, o taylorismo-fordismo. Por conta disso, as implicações das transformações tecnológicas e organizacionais no trabalho e na sociedade foram o primeiro grande tema abordado pela sociologia da modernização – gênese temática para a criação e o desenvolvimento da sociologia industrial e, posteriormente, da sociologia do trabalho.

Também foi objeto de investigação e reflexão o que se considerava ser as razões para a resistência à modernização da sociedade. Abordar a desintegração do tradicional, assim como a sobrevivência do arcaico no moderno, foi uma das perspectivas de análise das sociologias francesa e brasileira das décadas de 1950 e 1960. Nesse contexto, a emergência da América Latina como nova região da aceleração da industrialização e da urbanização, com suas singularidades tão marcantes, colocou novos desafios para pensar a modernização e o papel dos sujeitos políticos nesse processo.

Na sociologia do trabalho francesa, analisei o grupo de acadêmicos que se constituiu em torno de Georges Friedmann. Apelidado de “pai” da sociologia do trabalho, o francês foi um dos responsáveis por reorganizar a sociologia no período de reconstrução da França após sua libertação da ocupação nazista. Nesse processo, novas instituições de ensino e pesquisa foram criadas, rompendo com as tradicionais e conservadoras estruturas universitárias, permitindo maior autonomia e flexibilidade para os pesquisadores. Foram fundamentais os trabalhos realizados no Centre d’Études Sociologiques, a criação da VI^e Section de l’École Pratique des

contou com um forte controle político por parte do Estado e de outros agentes, resultado da correlação de forças da luta de classes em escala internacional – isto é, da influência da União Soviética e do “fantasma” da revolução socialista –, o que permitiu o surgimento da utopia da modernização. É evidente, como mostraremos, que existem diferenças entre a modernização capitalista no centro e na periferia. A segunda forma de modernização foi aquela ocorrida nos países ditos socialistas, a URSS e a República Popular da China, por exemplo. Esta alimentou a utopia de outra via possível para a modernização, isto é, da superação das mazelas sociais e econômicas por fora da lógica do capital e da exploração do trabalho. Uma terceira via poderia ser chamada de modernização reacionária, ou seja, aquela praticada pelos regimes fascistas, isto é, o desenvolvimento econômico e social por meio de uma imposição extremamente autoritária e do controle da luta de classes sem que as contradições latentes do capital fossem eliminadas.

Hautes Études, que abrigou o Laboratoire de Sociologie Industrielle, e, por fim, os estudos do Institut des Sciences Sociales du Travail. Essas e outras instituições permitiram o desenvolvimento das carreiras de jovens acadêmicos que marcaram a sociologia do trabalho, como foi o caso de Alain Touraine, personagem central para este livro, Jean-Daniel Reynaud e Michel Crozier.

No caso do Brasil, analisei o que denominei de sociologia uspiana do trabalho, em que englobei todos os sociólogos da Universidade de São Paulo que se voltaram para os estudos e as pesquisas sobre o mundo do trabalho e da indústria ao longo das décadas de 1950 e 1960. Com essa classificação mais ampla, consegui congrega, nesse novo domínio, acadêmicos muito distintos e de cátedras bem diferentes, como foram os casos de Wagner Vieira da Cunha, Juarez Brandão Lopes, Azis Simão e Fernando Henrique Cardoso, entre outros. Também analisei o papel político e intelectual de três outros personagens que foram fundamentais para institucionalizar a sociologia do trabalho: Florestan Fernandes, Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira. Desse heterogêneo grupo, aqueles que pertenceram à Cadeira de Sociologia I, dirigida por Fernandes, acabaram alcançando mais projeção com seus trabalhos pelo fato de terem maior controle dos meios de legitimação da ciência e por terem criado o Centro de Sociologia Industrial e do Trabalho.

No entanto, talvez o mais importante e inovador neste livro tenha sido demonstrar, com base nas descobertas feitas nas investigações que empreendi durante meu doutorado em arquivos da França e do Brasil, os percursos cruzados da sociologia francesa e da brasileira no decorrer das décadas de 1950 e 1960, e o quanto esse encontro veio criar uma relação política, pessoal e intelectual que deu origem a diálogos teóricos e articulações acadêmicas que reforçaram uma antiga relação franco-brasileira e, sobretudo, contribuíram para moldar uma tradição de sociologia do trabalho.

Para reconstituir essa rede de relações, foi fundamental a busca de uma análise totalizante, que compreendeu o desenvolvimento da nova disciplina sociologia do trabalho como um projeto encabeçado, apoiado e financiado por inúmeros organismos internacionais – como a Organização das Nações Unidas, a Unesco e a Organização dos Estados Americanos –, organismos nacionais – como os ministérios da educação ou as comissões de produtividade do trabalho – e fundações filantrópicas – como foram os casos da Rockefeller e da Ford. Nesse processo de reorganização das ciências sociais, foi se conformando uma comunidade acadêmica internacional, protagonizada pela Associação Internacional de Sociologia e por seus congressos, boletins e revistas. Um novo campo de circulação de pessoas e ideias surgiu nesse contexto, permitindo a concretização de pesquisas e análises comparativas entre os países e regiões.

A redação deste livro buscou seguir dois movimentos: o dos sujeitos e o das ideias, que caminharam paralelamente, mas nem sempre seguindo os mesmos

tempos. O primeiro movimento, o dos indivíduos protagonistas, que inspirou a ordem de exposição do texto, priorizou o desenvolvimento institucional da sociologia do trabalho na França e no Brasil, destacando suas relações e diálogos. Nessa perspectiva, procurei seguir os percursos de figuras importantes dessa empreitada, como Georges Friedmann, Alain Touraine, Florestan Fernandes e Fernando Henrique Cardoso. Portanto, tentei balancear o destaque dado às instituições, em seus devidos contextos socioeconômicos, mas sem me esquecer de que estas não se consolidariam sem a atuação dos sujeitos. Estes ganharam destaque na reflexão da narrativa, não apenas por uma opção metodológica e analítica, que prioriza as estruturas em vez dos sujeitos, mas, sobretudo, porque na história o contingencial, o acaso, o imprevisível, que em inúmeras vezes atingiu a vida desses indivíduos, é determinante.

O segundo movimento, o das ideias, buscou compreender as análises teóricas e as categorias e conceitos produzidos pelos autores estudados a partir de seu movimento interno, porém sem distanciá-los de seus fundamentos sociais e dos percursos dos autores. As ideias, como compreendemos, não são desdobramentos automáticos de uma base concreta. Elas muitas vezes adquirem, em seu movimento reflexivo, uma autonomia relativa ao autor e ao mundo. No entanto, em última instância, ela será sempre o reflexo de uma visão de mundo de uma geração ou de um grupo de intelectuais. Portanto, analisar os percursos dos protagonistas e suas ideias, relevando e confrontando os distintos espaços e tempos de sua criação e de seu desenvolvimento, permitiram-me uma melhor compreensão do estilo de pesquisa e da tradição de sociologia do trabalho surgida nas décadas de 1950 e 1960.

Este livro contém várias limitações teóricas e investigativas, por conta do próprio objeto abordado, mas, também, pelas restrições de uma investigação de doutorado. Entre tantas, considero importante destacar duas. A primeira está no fato de não ter elaborado um balanço crítico sobre a questão de gênero e do trabalho feminino na sociologia francesa e na brasileira do período estudado. Pode-se justificar que essas não foram preocupações latentes nas investigações e reflexões dos grupos abordados, pois os estudos sobre a questão feminina no mundo do trabalho só ganharam força a partir de meados da década de 1960. Porém, isso não justifica o fato de a pesquisa que deu origem a este livro não ter, mesmo assim, ensaiado uma reflexão sobre a ausência dessas temáticas. A segunda limitação, como já apontei em nota de rodapé, está em não ter desenvolvido uma definição mais precisa sobre os conceitos de modernidade e modernização. No entanto, acredito que a reflexão sobre eles apareceu dissolvida ao longo de todo o texto, tendo eles sido abordados a partir de vários autores da sociologia francesa e da sociologia brasileira e de seus projetos políticos e acadêmicos. Ainda assim, reconheço a necessidade de aprofundar essas e outras questões em estudos posteriores.

Os fundamentos de uma análise ontológica

Os *fundamentos sociais* de um pensamento, principalmente aqueles capazes de hegemonizar um determinado domínio intelectual ao longo de um certo período histórico, devem ser encontrados nas *causas sociais de seu ser-propriadamente-assim*³. Nesse sentido, para se compreender as razões pelas quais um estilo de sociologia teve grande influência ou até mesmo hegemonia ao longo do período abordado neste livro, é vital uma análise histórica de suas correntes e de seus grupos, levando-se em consideração tanto seu desenvolvimento institucional quanto seus aportes individuais. Segundo Goldmann,

o pensamento é somente um aspecto parcial de uma realidade abstrata: o homem vivo e inteiro; e este é, por sua vez, apenas um elemento do conjunto do grupo social. Uma ideia, uma obra recebe sua verdadeira significação somente quando ela é integrada ao conjunto de uma vida e de um comportamento. Além disso, acontece frequentemente que o comportamento que permite compreender a obra não é o do autor, mas sim de um grupo social (ao qual ele pode não pertencer) e, principalmente, quando se trata de obras importantes, de uma classe social.^{4,5}

Na complexidade e na multiplicidade das relações humanas, às quais os indivíduos estão ligados, cria-se com frequência uma ruptura entre sua *vida cotidiana*, seu pensamento conceitual e sua imaginação criativa. É por esse motivo que, num nível mais simples, uma obra é praticamente ininteligível se buscamos compreendê-la e analisá-la apenas pela personalidade de seu autor. Nem sempre a intenção e a *significação subjetiva* que pode ter um indivíduo sobre sua obra é igual a sua *significação objetiva*. Num outro nível, quando estamos lidando com a história das ideias, nem sempre a forma como estas se reproduzem corresponde às intenções e aos objetivos daqueles que a criaram, justamente porque, ao se tornarem conceitos, estão sujeitas ao processo de autonomização e reprodução, inclusive enquanto ideologia.

Goldmann, ao analisar diferentes obras filosóficas e literárias, produzidas em um determinado período, descobriu que em sua maior parte os elementos essenciais que compõem a estrutura esquemática desses escritos eram análogos, apesar de suas diferenças, o que o fez concluir que existe uma realidade que não é puramente individual e que se exprime por meio das obras. Para captar essa

³ G. Lukács, *Para uma ontologia do ser social*, t. 1 (São Paulo, Boitempo, 2012), p. 29.

⁴ Lucien Goldmann, *Le Dieu caché: étude sur la vision tragique dans les Pensées de Pascal et dans le théâtre de Racine* (Paris, Gallimard, 1997), p. 16-7.

⁵ Devido à grande quantidade de citações retiradas de obras em francês e do número excessivo de notas de rodapé ao longo deste livro, optei por não reproduzir os trechos na língua original, mantendo apenas as traduções feitas por mim, ciente dos problemas metodológicos que acarreta essa decisão. Dessa forma, poupei o leitor de situações em que as notas ocupariam mais espaço que o corpo do texto.

realidade, o autor formou um instrumento conceitual de trabalho que considerava indispensável para compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos, a *noção de visão de mundo*⁶. É essa noção que me permite trabalhar com autores da sociologia que tiveram objetos de pesquisas similares, mas conclusões nem sempre iguais, de dois distintos países, o Brasil e a França. Ainda que tivessem perspectivas teóricas diferentes, existiam questões essenciais que perpassavam todas as suas obras.

Uma *visão de mundo* é justamente o conjunto de aspirações, de sentimentos e de ideais capazes de reunir os membros de um determinado grupo ou classe social e colocá-los em oposição a outros grupos. Os elementos que os unificam não necessariamente são os mesmos que fazem deles uma *classe em si*, mas podem ser os que os tornam uma *classe para si mesmos*. Nessa coletividade, os indivíduos excepcionais são, muitas vezes, aqueles que melhor expressam a consciência coletiva, ou seja, a visão de mundo desse grupo. Por isso, toda grande obra literária ou artística é a expressão de uma visão de mundo, um fenômeno da consciência coletiva que alcança seu máximo de clareza conceitual ou sensível sobre a consciência do pensador ou do poeta.

As sociologias do trabalho francesa e brasileira, desenvolvidas ao longo das décadas de 1950 e 1960, foram a expressão de uma perspectiva em que a modernização da sociedade capitalista era o fim tangível. É por isso que os próprios autores viam a si mesmos e a sua disciplina como parte de um projeto político de desenvolvimento da sociedade – nas palavras de Touraine, uma sociologia social-democrata.

Evidentemente não podemos nos restringir a estudar apenas “as visões de mundo”, mas também, e sobretudo, suas expressões concretas, isto é, suas bases materiais. É comum nos estudos de história da ciência ou da filosofia as análises de exegese das obras ou, quando se trata de um grupo, a análise comparativa das categorias e conceitos.

O método que utilizei neste estudo foi o da *pesquisa genética*, ou seja, compreender as relações nas suas formas fenomênicas iniciais e verificar com base nelas como podem se tornar cada vez mais complexas e mediatizadas. Entender os fenômenos em seu sentido genético é abordá-los desde o ponto de vista ontológico, investigando o *ente* com a preocupação de compreender seu *ser* e encontrar os diversos graus e as diversas conexões em seu interior. O complexo deve ser estudado como complexo, para depois chegarmos a seus elementos e aos processos elementares. Por isso, não basta isolar certos elementos da realidade concreta e construir as explicações sociológicas com base nelas, pois todos os complexos parciais só são compreensíveis como partes de uma totalidade.

⁶ Lucien Goldmann, *Le Dieu caché*, cit.

Nesse sentido, tentei empreender uma análise ontológica dos principais autores das sociologias do trabalho francesa e brasileira, o que significa uma confrontação entre suas teorias (e categorias) e a própria realidade social. Segundo Lukács,

os fundamentos sociais do pensamento respectivo de cada época, incluído o problema das formas privilegiadas de objetividade, dos métodos predominantes etc., só foram investigados criticamente, de maneira excepcional, em especial em tempos de crises agudas, durante os quais a tarefa principal parecia ser a refutação eficaz do adversário, em geral o poder do pensamento do passado, insuficiente na nova realidade, mas não a descoberta das causas sociais de seu ser-propriadamente-*assim*.⁷

Portanto, busquei os *fundamentos sociais* desses intelectuais ou grupos de intelectuais por meio do desvendamento das *causas sociais* de seu ser-propriadamente-*assim*. Nessa perspectiva, os acontecimentos históricos, sejam eles de magnitude universal ou de impacto local, terão inevitavelmente desdobramentos sobre o pensamento social. A análise comparativa das produções intelectuais e das realidades sociais de Brasil e França, inseridas sob a mesma ordem societal global, o modo capitalista de produção, permitiram-me uma melhor dissecação das problemáticas listadas e a construção de uma explicação sobre o estilo de sociologia do trabalho produzida nesse período.

O gosto pelos arquivos

Como aponta Bourdieu⁸ em seu último curso ministrado no Collège de France, a análise de qualquer “escola sociológica” deve levar em consideração três aspectos. Primeiro, a dificuldade de reconstruir todo o processo científico de cada pesquisador e de ler e analisar todas as obras, pois o material produzido é imenso. Em segundo, o fato de que essa análise depende de documentos (arquivos, textos) e dos discursos dos cientistas sobre a prática científica. E, por fim, a necessidade de avaliar a legitimidade da ciência produzida, sabendo que esta é, a cada momento, um reflexo das lutas ocorridas no mundo social e no seio do mundo da ciência.

Sob outra perspectiva, Chapoulie⁹ defende que uma história da sociologia não deve ser um simples desencadear das ideias, mas também uma história das instituições, de seus agentes e dos frutos de seus trabalhos, pois as ideias não são independentes desse pano de fundo. Nesse mesmo sentido, Tanguy¹⁰ considera

⁷ G. Lukács, *Para uma ontologia do ser social*, t. 1, cit., p. 29.

⁸ Pierre Bourdieu, *Science de la science et réflexivité: cours du Collège de France 2000-2001* (3. ed., Paris, Raisons d’Agir, 2007, coleção Cours et Travaux).

⁹ Jean-Michel Chapoulie, *La Tradition sociologique de Chicago: 1892-1961* (Paris, Seuil, 2001) e “Un cadre d’analyse pour l’histoire des sciences sociales”, *Revue d’Histoire des Sciences Humaines*, v. 13, n. 2, 2005, p. 99.

¹⁰ Lucie Tanguy, *La Sociologie du travail en France: enquête sur le travail des sociologues, 1950-1990* (Paris, La Découverte, 2011) e *A sociologia do trabalho na França: pesquisa sobre o trabalho dos sociólogos (1950-1990)* (trad. Estela dos Santos Abreu, São Paulo, Editora da USP, 2017).

que, para uma história da ciência, em particular da sociologia do trabalho, é fundamental uma análise das condições sociais, institucionais e políticas em que esses trabalhos foram efetuados. Portanto, uma verdadeira história deveria descrever o conjunto do meio social concernente, as figuras célebres e os participantes que ficaram nas sombras, as condições de trabalho e de carreira, as instituições nas quais evoluíram, a organização das pesquisas e sua valorização, o público, os financiamentos, entre outros elementos. Uma tarefa de pesquisa árdua que não pode ser reduzida a uma pesquisa de doutorado.

Realizar uma análise sócio-histórica das sociologias do trabalho brasileira e francesa das décadas de 1950 e 1960 colocou-me diante de algumas questões metodológicas importantes, principalmente no que diz respeito às *narrativas de protagonistas* que se consolidaram como *verdades* e se reproduziram como *fatos* na maioria dos trabalhos sobre o tema. Essa questão foi objeto de reflexão de Miceli e seu grupo, como ele destacou:

[...] fomos nos inteirando das representações e hierarquizações com que também os cientistas sociais buscam (re)construir o passado de seus antecessores como parte de seu presente, selecionando mentores, patronos e heróis intelectuais e políticos, firmando reputações e nulidades, estabelecendo filiações, parentescos e linhas de influência, celebrando alianças, rompendo coalizões, num trabalho sistemático de ordenamento e racionalização que cada geração de produtores procura refazer como que tentando moldar a sua própria posição e firmar o valor de sua contribuição para a história intelectual de que se sentem e se veem como participantes.¹¹

Seguindo a mesma preocupação do autor, procurei indagar as *narrativas* predominantes, encontradas ao longo da pesquisa, sobre um certo passado da sociologia do trabalho francesa e principalmente da brasileira. Para isso, foi fundamental partir da prerrogativa de que a comunidade científica é um campo de luta entre diferentes forças e “agentes” que buscam conquistar o “monopólio da manipulação legítima dos bens científicos”¹², ou seja, o controle sobre as regras que estabelecem o que é e o que não é considerado científico. A análise e a compreensão das disputas políticas e acadêmicas ocorridas entre os agentes do mundo científico ao longo dos anos 1950 e 1960 foram decisivas para reconstruir o contexto em que a sociologia do trabalho se consolidou na França e no Brasil.

No entanto, se é fundamental considerar e analisar as produções acadêmicas, a localização de cada grupo na estrutura hierárquica de poder do mundo universitário, assim como sua capacidade de vencer uma determinada disputa com outros grupos, também foi crucial para este livro a compreensão da importância que adquire na história o *contingencial*, ou seja, o acaso. As próximas páginas estão permeadas de

¹¹ Sergio Miceli e Fernanda Massi (orgs.), *História das ciências sociais no Brasil* (São Paulo, Idesp, Vértice, Finep, 1989), p. 8.

¹² Pierre Bourdieu, *Science de la science et réflexivité*, cit.

descrições e reflexões sobre momentos em que o acaso, o imprevisível e a sorte determinaram os rumos de um intelectual ou, até mesmo, de toda uma geração.

Foram fundamentais para a elaboração deste livro as pesquisas que realizei nas dezenas de arquivos da França e do Brasil, pois me abriram as portas para um mundo desconhecido. Como sugere Farge, os arquivos não têm nada a ver com os livros¹³, pois o seu material é bruto e muitas vezes representa uma pequena brecha da vida cotidiana. Eles contam fatos de pessoas desconhecidas que nunca seriam lembrados nem produziram algum interesse histórico. No entanto, foi justamente nos arquivos que pude encontrar os documentos não finalizados, os rascunhos, as conversas privadas ou confidenciais, as relações que ocorreram fora dos holofotes, as pessoas que ficaram nas sombras, os projetos irrealizáveis ou interrompidos que propiciaram uma explicação sobre o objeto de minha pesquisa, esclarecendo pontos até hoje ofuscados ou ignorados na história da sociologia do trabalho.

Métier considerado exclusivo dos historiadores e ignorado e desvalorizado pelos cientistas sociais, a pesquisa em arquivos deveria ser incorporada, como sugere Tanguy¹⁴, aos projetos que buscam reconstituir e problematizar o pensamento de uma “escola” ou de uma geração de intelectuais. Estou convencido de que a história e a sociologia terão muito a ganhar se essa orientação de Fernand Braudel for levada a sério:

Eu gostaria que os jovens sociólogos tomassem, em seus anos de aprendizagem, o tempo necessário para estudar, mesmo no mais modesto depósito de arquivos, a mais simples das questões da história, e que eles tivessem, uma vez ao menos, fora dos manuais estéreis, um contato com um *métier* simples, mas que só compreendemos quando o praticamos – como todos os outros *métiers*, sem dúvida.¹⁵

A exposição do livro

O livro está dividido em três partes, compostas ao todo de nove capítulos. Na parte I, “As ciências sociais na ‘era de ouro’ do capitalismo”, contextualiza as bases materiais sobre as quais a utopia da modernização capitalista se alçou (capítulo 1) e reconstrói o processo que possibilitou a consolidação de uma comunidade

¹³ “O livro é um texto intencionalmente destinado ao público. Ele é organizado para ser lido e compreendido por numerosas pessoas; ele procura anunciar e criar um pensamento, modificar um estado de coisas, concretizar uma história ou uma reflexão. Ele se organiza e se estrutura segundo sistemas mais ou menos facilmente decifráveis”; Arlette Farge, *Le Goût de l'archive* (Paris, Seuil, 1989, p. 12). Um guia prático e reflexivo sobre os arquivos pode ser encontrado em Jonathan Barbier e Antoine Mandret-Degeilh, *Le Travail sur archives: guide pratique* (Malakoff, França, Armand Colin, 2018).

¹⁴ Lucie Tanguy, *La Sociologie du travail en France*, cit., e *A sociologia do trabalho na França*, cit.

¹⁵ Fernand Braudel, “Histoire et sociologie”, em Georges Gurvitch (org.), *Traité de sociologie*, t. 1 (2. ed., Paris, PUF, 1962, coleção Bibliothèque de Sociologie Contemporaine), p. 97.

acadêmica internacional das ciências sociais (capítulo 2). Portanto, destaquei o contexto socioeconômico que permitiu a atuação política de vários organismos para a construção de uma rede de pensamento e de um estilo de pesquisa no campo da sociologia do trabalho.

Na parte II, “A sociologia do trabalho na França (1950-1960)”, composta de quatro capítulos, em primeiro lugar apresento e problematizo a criação e o desenvolvimento da sociologia do trabalho na França com base em suas principais instituições, destacando aquelas pesquisas realizadas nas décadas de 1950 e 1960 que considero fundamentais para a compreensão do nosso objeto (capítulo 3). Em seguida, faço uma apresentação das categorias e das teorias da sociologia do trabalho surgidas nesse período, submetendo-as ao crivo da análise crítica, destacando as obras dos dois principais sociólogos daquele período: Georges Friedmann e Alain Touraine (capítulos 4 e 5). A este último dedico um capítulo à parte, em virtude de sua importância para a sociologia brasileira, com o objetivo de compreender sua aspiração por uma teoria sociológica geral, destacando nisso as influências que teve seu contato com a América Latina (capítulo 6).

Na parte III, “A sociologia uspiana do trabalho (1950-1960)”, problematizo o processo de criação e institucionalização da disciplina sociologia do trabalho, com base na importância que a Universidade de São Paulo foi adquirindo no decorrer da década de 1950, destacando as disputas políticas e acadêmicas, assim como as alianças, fundamentais para a consolidação desse novo campo (capítulo 7). Em seguida (capítulo 8), reconstruo o processo que levou ao encontro dos sociólogos franceses e brasileiros em torno do projeto de construção da sociologia do trabalho, questionando as narrativas predominantes e problematizando os dilemas enfrentados por seus protagonistas na construção de um centro de pesquisa na periferia do capitalismo. Fecho o livro com uma análise crítica da sociologia uspiana do trabalho (capítulo 9).

Agradecimentos

Este livro contou com a colaboração e o apoio de muitas pessoas e instituições. Agradeço imensamente ao professor Ricardo Antunes, meu orientador de doutorado, mestre e amigo, pelo apoio e intercâmbio intelectual. Agradeço também a Lucie Tanguy, Michael Löwy, Alain Touraine, Helena Hirata, Sedi Hirano, José Sergio Leite Lopes, Danièle Linhart, Polymnia Zagefka, Liliana Segnini, Mariana Chaguri, Tábata Berg, Flávio Lima, Mariana Roncato, Murilo van der Laan, Letícia Mamed, Fagner Santos, Patrícia Villen, Felipe Raslan, Neri de Souza, Selma Venco, Patrícia Trópia, Andréia Galvão, Caio Navarro, Fábio Torres, Gilda Portugal Gouvea, Sabrina Fortino, Cedric Lomba, Jane Barros, Sofia Cevallos, Thaís Lima, Gisele Falcari, Mariana Campos, Vanda Souto, Maira Abreu, Flávio

Mendes, Roberto Vêras e Daniela Vieira dos Santos. Não posso deixar de mencionar o apoio financeiro dado pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade de Brasília para a publicação deste livro e o auxílio na forma de bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), para a realização de um estágio de pesquisa na École des Hautes Études en Sciences Sociales (Ehess), em Paris. Por fim, agradeço todo o incentivo e o apoio que me foram oferecidos por Clarisse Touguinha Guerreiro.